

ALMAS GÊMEAS

Eliseu Mota Júnior – motajunior@uol.com.br

Todos temos a nossa alma gêmea?

Acreditando na resposta positiva a esta questão, inúmeras uniões conjugais foram desfeitas — e muitas outras continuam ruindo —, porque um ou os dois parceiros partem em busca da sua suposta *metade eterna*. E quando despertam dessa ilusão, às vezes é tarde demais para retornar.

Essa realidade já demonstra desde logo que a *teoria das almas gêmeas* é mais um daqueles temas polêmicos e delicados, sobretudo na época atual em que proliferam livros, novelas e filmes místicos propondo-se a resolver os problemas de milhões de pessoas solitárias, incluindo as solteiras, viúvas, divorciadas ou mesmo casadas infelizes no matrimônio.

Com efeito, não é raro no cotidiano vermos um homem maduro abandonando a esposa, os filhos e o lar construído ao longo de vários anos de convivência e partir para os braços aconchegantes da jovem amante, a sua tão sonhada *alma gêmea*, mas que poderá converter-se em verdadeira *algema*.

Sem muito esforço, podemos até imaginar o momento decisivo em que o quarentão, já demonstrando na anatomia os sinais inexoráveis do tempo, surpreende a companheira de outrora com a fulminante revelação, dizendo-lhe sem rodeios que, embora lamentando muito aquela situação, resolveu deixá-la porque finalmente encontrou seu verdadeiro amor na jovem colega de trabalho ou na aluna atenciosa.

E a esposa, musa da sua juventude e agora friamente repudiada, ainda encontra forças nos recônditos da alma para resignar-se, até porque já vinha desconfiando da indiferença do marido. Dá-lhe inteira liberdade para seguir seu novo caminho de ilusões, mas por verdadeiro amor a ele e aos filhos, diz entre lágrimas sinceras que se aquela aventura fracassar — como normalmente acontece — ali estará ela, sempre disposta a recebê-lo de volta ao lar, como na conhecida história do filho pródigo.

Em contrapartida, também não ignoramos que existem incontáveis casos de viuvez ou de casamentos que faliram irremediavelmente, com ou sem batalhas judiciais, em que os viúvos e os ex-cônjuges, depois da tempestade conjugal ou do luto, lograram refazer suas vidas ao lado de novos companheiros, com quem desfrutaram relativa felicidade, educando os filhos e construindo famílias exemplares.

Diante disso, repitamos a pergunta inicial: todos temos a nossa alma gêmea ou metade eterna? O tema é bastante conhecido e estudado, mas vamos restringi-lo às opiniões do Espírito Emmanuel e de Allan Kardec.

Emmanuel e a teoria das almas gêmeas — Todo espírita medianamente informado conhece a polêmica suscitada em torno da teoria das almas gêmeas, por causa das colocações feitas pelo Espírito Emmanuel no livro *O Consolador*, escrito através da psicografia de Francisco Cândido Xavier e editado pela FEB – Federação Espírita Brasileira, quando aquela nobre entidade tratou da questão em possível contradição com o ponto de vista de Allan Kardec.

A propósito, vejamos algumas ponderações de Emmanuel, que nos pareceram relevantes para o estudo em tela:

P. — *Será uma verdade a teoria das almas gêmeas?*

R. — “No sagrado mistério da vida, cada coração possui no Infinito a alma gêmea da sua, companheira divina para a viagem gloriosa à imortalidade.

“Criadas umas para as outras, as almas gêmeas se buscam, sempre que separadas. A união é-lhes a aspiração suprema e indefinível. Milhares de seres, se transviados no crime ou na inconsciência, experimentam a separação das almas que os sustentam, como a provação mais ríspida e dolorosa, e, no drama das existências mais obscuras, vemos sempre a atração eterna das almas que se amam mais intimamente, evoluindo umas para as outras, num turbilhão de ansiedades angustiosas, atração que é superior a todas as expressões convencionais da vida terrestre. Quando se encontram, no acervo dos trabalhos humanos, sentem-se de posse da felicidade real para os seus corações — a da ventura de sua união, pela qual não trocariam todos os impérios do mundo, e a única amargura que lhes empana a alegria é a perspectiva de uma nova separação pela morte, perspectiva essa que a luz da Nova Revelação veio dissipar, descerrando para todos os espíritos, amantes do bem e da verdade, os horizontes eternos da vida.”

P. — *Existe nos textos sagrados algum elemento de comprovação para a teoria das almas gêmeas?*

R. — “Somos dos primeiros a reconhecer que em todos os textos necessitamos separar o espírito da letra; contudo, é justo lembrar que nas primeiras páginas do Antigo Testamento, base da Revelação Divina, está registrado: ‘e Deus considerou que o homem não devia ficar só.’”

P. — *A união das almas gêmeas pode constituir restrição ao amor universal?*

R. — “O amor das almas gêmeas não pode efetuar semelhante restrição, porquanto atingida a culminância evolutiva, todas as expressões

afetivas se irmanam na conquista do amor divino. O amor das almas gêmeas, em suma, é aquele que o Espírito, um dia, sentirá pela Humanidade inteira.”

P. — *Perante a teoria das almas gêmeas, como esclarecer a situação dos viúvos que procuram novas uniões matrimoniais, alegando a felicidade encontrada no lar primitivo?*

R. — “Não devemos esquecer que a Terra ainda é uma escola de lutas regeneradoras ou expiatórias, onde o homem pode consorciar-se várias vezes, sem que a sua união matrimonial se efetue com a alma gêmea da sua, muitas vezes distante da esfera material.”

“A criatura transviada, até que se espiritualize para a compreensão desses laços sublimes, está submetida, no mapa de suas provações, a tais experiências, por vezes pesadas e dolorosas.

“A situação de inquietude e subversão de valores na alma humana justifica essa provação terrestre, caracterizada pela distância dos Espíritos amados, que se encontram num plano de compreensão superior, os quais, longe de desdenharem as boas experiências dos companheiros de seus afetos, buscam facultar-lhas com a máxima dedicação, de modo a facilitar o seu avanço direto às mais elevadas conquistas espirituais.”

Como dissemos, algumas dessas colocações de Emmanuel sobre a teoria das almas gêmeas parecem conflitar com o pensamento de Allan Kardec, como veremos de imediato.

A posição de Allan Kardec — Na edição de maio de 1858 da Revista Espírita, sob o título Metades eternas, Allan Kardec publicou uma passagem extraída da carta de um de seus assinantes cuja esposa havia falecido, deixando seis filhos. Sentindo-se em completo isolamento, o viúvo, ouvindo falar de manifestações espíritas, passou a freqüentar um grupo que praticava

a mediunidade, aprendendo então que a verdadeira vida não está na Terra, mas no mundo dos Espíritos.

Certa noite, comunicando-se com o Espírito que havia sido sua esposa, perguntou-lhe a razão das divergências que tiveram durante a sua vida em comum, respondendo-lhe a antiga companheira que, malgrado tivessem passado alguns momentos felizes, não eram metades eternas, uma vez que tais uniões são raras na Terra, embora em alguns casos possam acontecer, quando representam um grande favor de Deus e aqueles que desfrutam essa felicidade experimentam alegrias indescritíveis.

Atendendo então ao pedido de esclarecimento formulado pelo assinante da Revista Espírita e também para sua própria instrução, Kardec dirigiu ao Espírito São Luís algumas perguntas, que depois foram inseridas em O Livro dos Espíritos. Ei-las:

P. — *As almas que se devem unir estão predestinadas, desde a origem, a essa união e cada um de nós tem, em qualquer parte do Universo, a sua metade, à qual deverá um dia unir-se?*

R. — “Não. Não existe uma união particular e fatal de duas almas. Existe a união entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes, segundo a posição que ocupam, isto é, segundo a perfeição adquirida: quanto mais perfeitos, mais unidos. Da discórdia brotam todos os males humanos; da concórdia — a felicidade completa.”

P. — *Em que sentido devemos entender o vocábulo metade, de que se servem alguns Espíritos para a designação dos Espíritos simpáticos?*

R. — “A expressão é inexata. Se um Espírito fosse metade de outro e dele separado, seria incompleto.”

P. — *Uma vez unidos dois Espíritos perfeitamente simpáticos, o são para a eternidade ou podem separar-se e unir-se a outros Espíritos?*

R. — “Todos os Espíritos estão unidos entre si. Falo dos que chegaram à perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva não é mais simpático àqueles que deixou.”

P. — *Dois Espíritos simpáticos são complementos um do outro ou esta simpatia é o resultado de uma perfeita identidade?*

R. — “A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de suas inclinações e de seus instintos. Se um devesse completar o outro, perderia sua individualidade.”

P. — *A identidade necessária à simpatia perfeita não consistiria senão na similitude de pensamentos e sentimentos, ou ainda na uniformidade de conhecimentos adquiridos?*

R. — “Na igualdade do grau de elevação.”

P. — *Os Espíritos que hoje não são simpáticos poderão sê-lo mais tarde?*

R. — “Sim; todos o serão. Assim, o Espírito que hoje se acha em tal esfera inferior alcançará, pelo aperfeiçoamento, a esfera onde reside um outro. Seu encontro dar-se-á mais prontamente se o Espírito mais elevado, suportando mal as provas a que se submeteu, demorou-se no mesmo estado.”

Conclusão — Quando foi questionado sobre eventual contradição entre as suas ponderações acerca da teoria das almas gêmeas e as colocações formuladas por Allan Kardec sobre as metades eternas, feitas a partir das lições de São Luís, o Espírito Emmanuel, sempre por intermédio de Chico Xavier, asseverou que a tese é “... mais complexa do que parece ao primeiro exame, e sugere mais vasta meditação às tendências do século, no capítulo do ‘divorcismo’ e do ‘pansexualismo’, que a ciência menos construtiva vem lançando nos espíritos, mesmo porque, com a expressão ‘almas gêmeas’, não desejamos dizer ‘metades eternas’, e ninguém, a rigor,

pode estribar-se no enunciado para desistir de veneráveis compromissos assumidos na escola redentora do mundo, sob pena de aumentar os próprios débitos, com difíceis obrigações à frente da Lei.”

De qualquer forma, preferimos ficar com a seguinte conclusão de Allan Kardec sobre o tema que estamos analisando:

“A teoria das metades eternas é uma figura referente à união de dois Espíritos simpáticos; é uma expressão usada mesmo na linguagem comum, tratando-se dos esposos, o que não se deve tomar ao pé da letra. Os Espíritos que dela se serviram certamente não pertencem à mais alta ordem: a esfera de seus conhecimentos é necessariamente limitada e eles exprimiram o pensamento em termos de que se teriam servido na vida corpórea. É, pois, necessário rejeitar esta idéia de que dois Espíritos, criados um para o outro, uma dia deverão unir-se na eternidade, depois de terem estado separados durante um lapso de tempo mais ou menos longo.”

Nota. A presente pesquisa foi realizada nas seguintes obras:

Nota. A presente pesquisa foi realizada nas seguintes obras:

EMMANUEL (Espírito)/XAVIER, Francisco Cândido (Médium). *O Consolador*, 14 ed., Rio de Janeiro : FEB, 1998, 233 p.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita - Jornal de estudos psicológicos*. São Paulo, Edicel, s/d, Trad. Júlio Abreu Filho, maio de 1858.

— 0 —

(Coluna originalmente publicada na Revista Internacional do Espiritismo, Setembro de 1998)